

Idas-e-vindas de nordestinos pelo território nacional: uma diáspora brasileira?¹

Iara Lalesca Calazans de Almeida – Unesp/Araraquara

Palavras-chave: migrações internas; diáspora; nordeste

Introdução

O deslocamento humano é um tema exaustivamente trabalhado pela literatura nacional e pensá-lo nos leva, invariavelmente, a refletir sobre as suas consequências. Nesse ínterim, a pergunta nuclear é: qual ou quais as causas que provocam esses deslocamentos? Pergunta que há tempos orienta debates calorosos.

As explicações pautadas em justificativas estruturais, muitas vezes economicistas, as quais tratam tais movimentos exclusivamente como involuntários ou forçados, retirando qualquer poder de agência dos sujeitos envolvidos, têm sido revisadas pela literatura. Nesse cenário, com especial dedicação por parte da antropologia, encontramos trabalhos que direcionam sua atenção para o próprio ator, ou seja, para os sujeitos ativos, imersos nesse fenômeno, os quais dão vida e atribuem significado às suas idas-e-vindas.

No que diz respeito à migração interna, os deslocamentos de nordestinos pelo território nacional merecem destaque. Partindo do interior para o litoral e zona da mata. Do Nordeste à Amazônia. No Sudeste, do Nordeste para o Rio de Janeiro; do Nordeste para São Paulo e do Nordeste para Minas Gerais. No Centro-Oeste, do Nordeste para a construção de Brasília. Os nordestinos² se fazem presentes em terras alhures, em algum lugar desse imenso país continental.

Na busca de causas que provocaram essas idas-e-vindas, uma das grandes justificativas para esses deslocamentos é a seca. Fenômeno que historicamente assola a vida de milhares de nordestinos. O fenômeno da seca, aliado aos deslocamentos em massa, tornou-se um terreno fértil de produções culturais. Produções essas que colaboraram significativamente para a construção de um imaginário nacional sobre a região Nordeste, com especial atenção ao êxodo do nordestino pobre, identificado pela figura do sertanejo retirante.

A grande seca de 1877/1879 é reclamada como a maior tragédia inserida em tal fenômeno recorrente na região. É também neste momento que nasce a figura do retirante. Em

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

² Sempre no plural, uma vez que a categoria *nordestino* engloba múltiplas variáveis.

1877 passa a circular o jornal local de Fortaleza *O Retirante* e, em 1879, José do Patrocínio publica o inaugural romance *O Retirante*.

Desde então, outras secas severas marcaram a história de partes da região Nordeste. Se em um primeiro momento é tida como fenômeno natural, a seca foi adquirindo outros contornos, como o econômico, o social, o político e, de certa forma, o cultural.

E é a partir desse universo social do Nordeste – marcado pela seca e seus personagens – que objetivamos refletir acerca de uma possível diáspora nordestina. De antemão, importa tomar nota de que o fenômeno das migrações nordestinas – no plural porque são movimentos diversos – não tem a marca exclusiva do retirante pobre, ou do deslocamento compulsório. Não! Os nordestinos não foram apenas recrutados para sanar a fome de braços nacional³.

O enfoque sobre tal universo social em particular se justifica na hipótese de que esses deslocamentos estão imersos em relações de poder, de abandono social, de estigmatização e de uma formação imagético-discursiva que, apoiada em produções culturais de massa, colaboraram para a representação deturpada sobre a região e seus moradores. Ademais, essas pessoas foram as grandes vítimas do êxodo populacional que impactou milhares de pessoas.

Finalmente, cabe tomar nota de que as reflexões aqui desenvolvidas são resultado de uma dissertação de mestrado. Durante o mestrado, tivemos como locus empírico de análise a cidade de Américo Brasiliense, localizada na região central do estado de São Paulo e conhecida como “Cidade Doçura” por conta de a atividade canavieira aparecer, predominantemente, por muito tempo, como a principal fonte de renda do município. Condição essa que a tornou o destino de um grande contingente de migrantes vindos especialmente da região nordeste da Bahia.

Por intermédio da categoria “baiano”, articulada pelos moradores de Américo Brasiliense e que aparece durante os diálogos em campo como uma categoria de identificação desses grupos de migrantes, passamos a desenvolver o nosso trabalho a fim de estudar o problema como algo que extrapola as fronteiras de Américo Brasiliense. Os “baianos” em Américo Brasiliense, os “paraibas” no Rio de Janeiro, os “candangos” em Brasília, os “cabeças chatas”, cearenses ou maranhenses, estão presentes nas narrativas preconceituosas que cercam grupos diversos que se retiraram do nordeste do país para ocupar múltiplos espaços em território nacional.

³ ALEGRE, Sylvia Porto. "Fome de braços" - Questão nacional: Notas sobre o trabalho livre no Nordeste no século XIX. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 17, n. 2, p.105-142, 1986

Desenvolvimento

O conceito de diáspora é tradicionalmente relacionado à dispersão dos hebreus. Na história contemporânea, a diáspora moderna está largamente associada ao comércio atlântico de escravizados africanos a partir do século XV e aos deslocamentos massivos, bem como os reassentamentos de negros (as) entre diferentes sociedades a partir do século XIX e que perdura até os dias atuais (COLIN, 1998).

Nos dicionários⁴, normalmente a definição do termo está atrelada a duas concepções: dispersões do povo hebreu e/ou dispersão de um determinado povo por razões políticas, econômicas e/ou climáticas.

Nei Lopes em *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, define o conceito como

Palavra de origem grega significando “dispersão”. Designando, de início, principalmente o movimento espontâneo dos judeus pelo mundo, hoje aplica-se também à desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos, espalhou negros africanos por todos os continentes. A diáspora Africana compreende dois momentos principais. O primeiro, gerado pelo comércio de escravo, ocasionou a dispersão dos povos africanos tanto através do Atlântico quanto através do oceano Índico e do mar Vermelho, caracterizando um verdadeiro genocídio, a partir do século XV – quando talvez mais de 10 milhões de indivíduos foram levados, por traficantes europeus, principalmente para as Américas. O segundo momento ocorre a partir do século XX, com a imigração, sobretudo para a Europa, em direção às antigas metrópoles coloniais. O termo “Diáspora” serve também para designar, por extensão de sentido, os descendentes de africanos nas Américas e na Europa e o rico patrimônio cultural que construíram. (LOPES, 2004, p. 236)

A diáspora compreendia nos termos em que apresentamos acima aponta para relações de dominação, em que as motivações dos movimentos se articulam com problemas estruturais de alta gravidade a nível econômico, político e social, colaborando para a dispersão de determinados grupos. No caso da diáspora africana moderna, a opressão racial e sua resistência a ela ganha notoriedade.

Tendo como referência trabalhos de intelectuais diaspóricos e pós-coloniais, como Stuart Hall, Edward Said e Homi K. Bhabha, acreditamos encontrar condições para compreender os fluxos migratórios nordestinos com as características que se aproximam da concepção de diáspora moderna. A formação de identidades em contextos de hibridez cultural,

⁴ Encontramos essa definição nos principais dicionários da língua portuguesa, o Novo Aurélio, o Michaelis e o Houaiss.

os impactos na vida social dos que migram e daqueles nos locais de acolhimento⁵, em decorrência da dispersão desagregadora, bem como o processo de construção de subjetividades, sustentado em narrativas em contextos de disputas, são temas que encontram conformidade e possibilitam um novo olhar para o fenômeno brasileiro.

Hall, em *Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior* escreve sobre o contexto diaspórico de povos pós-coloniais na Grã-Bretanha. Analisa as características das migrações em massa no navio *SS Empire Windrush*, com o objetivo de refletir sobre “as complexidades, não simplesmente de se construir, mas de se imaginar a nação [nationhood] e a identidade caribenhas, numa era de globalização crescente.” (HALL, p.26, 2003).

O tema central que envolve a discussão de Hall são as identidades em um contexto de hibridismo, de “*différance*; uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim.” (HALL, 2003, p.33).

É certo que as diásporas judaica e negra têm diferenças expressivas em relação ao fenômeno de dispersão nordestino e, em decorrência dessas diferenças, as interpretações pedem cuidado e minúcia.

O uso do conceito pós-colonial para os deslocamentos nordestinos pode ser adequado se compreendermos esses fluxos migratórios em seu sentido político, do nexos entre uma dinâmica de deslocamentos massivos históricos e a própria configuração das relações de poder no Brasil. Compreendemos que a dispersão histórica e recorrente destas pessoas pelo território brasileiro envolve elementos de subjugação.

Convém tomar nota de que a migração na região nordeste não é exclusivamente uma migração periférica. O posicionamento de darmos maior atenção a esta dispersão - provocada por questões políticas, econômicas, sociais e ambientais – e inseri-la no debate sobre a diáspora, justifica-se no fato de ser essa migração, que tem o sertanejo retirante como figura emblemática, o polo de êxodo populacional.

Não pretendemos invocar um mito de origem do nordestino, tampouco nos sustentarmos em tradições como valor fundante. A noção de origem – enquanto identidade – destes grupos se assemelha ao que Hall diz sobre os povos do Caribe.

⁵ Acolhimento no sentido de local de destino. O substantivo não deve ser compreendido, necessariamente, como algo positivo. Deve-se considerar as relações conflituosas e, algumas vezes, pautadas em diversas formas de violências entre os *estabelecidos* e os *outsiders*, para usar os conceitos de Norbert Elias e John Scotson (2012)

As questões da identidade cultural na diáspora não podem ser “pensadas” dessa forma (organicista). Elas têm provado ser tão inquietantes e desconcertantes para o povo caribenho justamente porque, entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica. Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas (...) A via para a nossa modernidade está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial. (HALL, 2003, p. 30)

De um período de prestígio à decadência – o que abre espaço para novos centros políticos e econômicos⁶ – os abalos nas instituições da sociedade do Norte⁷, decorrentes das crises a partir do século XIX, das catástrofes ambientais e sociais e da dispersão em massa de parcela de sua população, potencializará a invenção de uma região que embora imersa num universo complexo, em contextos de disputas, será articulada por narrativas dominantes como um espaço homogêneo e estereotipado. Tal construção social que resulta no Nordeste que conhecemos hoje, será bem desenvolvida por Durval Muniz de Albuquerque Júnior em *A invenção do nordeste e outras*.

O Nordeste e o nordestino miserável, seja na mídia ou fora dela, não são produto de um desvio de olhar ou fala, de um desvio de funcionamento do sistema de poder, mas inerentes a este sistema de forças e dele constitutivo. O próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondente (...) tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos. Pois tanto o discriminado como o discriminador são produtos de efeitos de verdade, emersos de uma luta e mostram os rastros dela. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.31)

Nesse cenário, a seca surge como situação-problema e a ineficiência para solucionar as tragédias procedentes do evento, manifestam relações de dominação. A constante omissão do poder público, as estratégias de angariar verbas e os casos de corrupção por parte de elites locais, provocando o abandono dos residentes, são elementos centrais para entender os deslocamentos sob o olhar que estamos sugerindo.

Durval Muniz de Albuquerque Junior destaca como a seca na região acabou se tornando um meio de manipulação.

A questão da influência do meio era a grande arma política do discurso regionalista nortista, desde que a seca foi descoberta em 1877, como um tema que mobilizava, que

⁶ O novo polo político e econômico serão as províncias do Sul, notadamente Rio de Janeiro e São Paulo.

⁷ A região nordeste geográfica e culturalmente um fenômeno moderno. Até início do século XX, a divisão se dava entre os estados do Sul e do Norte. Para maiores informações ver Albuquerque Junior (2011).

emocionava, que podia servir de argumento para exigir recursos financeiros, construção de obras, cargos no Estado etc. O discurso da seca e sua “indústria” passam a ser a “atividade” mais constante e lucrativa nas províncias e depois nos Estados do Norte, diante da decadência de suas atividades econômicas principais: a produção de açúcar e algodão. A seca torna-se o tema central no discurso dos representantes políticos do Norte, que a instituem como o problema de suas províncias ou Estados. Todas as demais questões são interpretadas a partir da influência do meio e de sua “calamidade”: a seca. As manifestações de descontentamento dos dominados, como o banditismo, as revoltas messiânicas e mesmo o atraso econômico e social da área, são atribuídos à seca, e o apelo por sua “solução” torna-se um dos principais temas dos discursos regionais. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 72)

A grande seca de 1877/1879, noticiada sob as rubricas de A secca do Ceará ou A secca do Norte, é um marco inaugural da dispersão nordestina e que também inaugura a figura emblemática do retirante⁸. Pela gravidade, alcance e contexto histórico, chamou a atenção das autoridades. O imperador afirmou que “venderia até a última joia da Coroa” para solucionar o sofrimento dos flagelados. Dom Pedro II deu ordem para a construção da primeira grande obra hidráulica do continente sul-americano, o açude do Cedro⁹ em Quixadá, no Estado do Ceará. A obra foi estudada já em 1882, mas sua realização teve início no período Republicano em 1890, pela Comissão de Açudes e Irrigação – atual DNOCS¹⁰ –, sendo finalizada em 1906.

Antes da seca dos dois setes, há registros¹¹ de outras tragédias climáticas, tendo como exemplos expressivos a seca dos três setes (1777 a 1778) que arrebatou grande parcela de rebanhos no Ceará e Rio Grande do Norte e a seca de 1825, que dizimou 14,4% da população da província do Ceará. Segundo Albuquerque Junior, o que garante destaque à primeira é justamente o fato de ter englobado pessoas influentes no período. Soma-se a isso a crescente decadência da região enquanto centro político e econômico.

O ano de 1877 é erigido como um marco da própria decadência regional, como um momento decisivo para a derrota do Norte diante do Sul. Um momento de transferência de poder de uma área para outra. Freyre, por exemplo, atribui a esta seca

⁸ Em 1877 passa a circular o jornal local de Fortaleza *O retirante*. Em 1879, José do Patrocínio publica seu romance *Os retirantes*, resultado de suas viagens ao Ceará para retratar a grande seca. O trabalho foi divulgado primeiramente em forma de folhetim, no periódico *O Besouro*, em 1878.

⁹ Em 1977 o açude foi tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Em 2015 foi incluído pela UNESCO na Lista Indicativa brasileira de patrimônio mundial. Disponível em < <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1656>>. Acesso em 23 de nov. de 2019.

¹⁰ DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Órgão criado em 1909, vinculado ao Ministério da Viação e Obras Públicas, com o nome de Inspeção de Obras contra as Secas. Em 1919, passou a chamar-se Inspeção Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) e, em 1945, recebeu o nome atual. Desde a sua fundação o órgão teve como objetivo central apresentar soluções para o problema da seca na região Nordeste. Com as denúncias de corrupção em sua administração, o governo federal buscou estratégias mais efetivas. Com a criação da SUDENE, em 1959, o DNOCS passa a ser controlado por essa nova agência.

¹¹ Sobre os ciclos da seca ver Durval Muniz de Albuquerque Jr (1988) e Maria da Conceição Tavares; Manuel Correia de Andrade; Raimundo Pereira (1998).

e ao fim “abrupto” e sem indenização da escravidão o declínio da produção nordestina. Para Freyre, a seca de 1877 contribuiu inclusive para acelerar a própria abolição, já que obrigou a transferência de uma grande quantidade de escravos para o Sul, regionalizando o mercado de trabalho, destruindo solidariedades escravistas ao Norte. Segundo Freyre, a subordinação nortista foi acentuada ainda mais pelo êxodo de inteligências; homens de elite que a seca de 1877 transferiu para o Sul. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 72)

Como mostra Roger L. Cunniff (1975), naquele momento, a apropriação do desastre por parte das elites políticas e econômicas decadentes, fez da seca um mecanismo de enriquecimento ilícito e triunfo nas disputas por poder.

Essas vantagens da seca convenceram muitos que somente com grandes injeções de dinheiro externo, poderiam continuar desenvolvendo o interior e vencendo seus velhos problemas. Depois de 1880, as províncias do Norte tinham um senso de região que nunca possuiu antes. O bloco da seca, criado durante a crise, havia sido frágil e dependente da ajuda externa para o sucesso, mas ao ensinar aos nordestinos como criar uma indústria das secas, deixou um legado que dominaria a política regional para o próximo século¹². (CUNNIFF, p. 76, 1975)

Foram quase três anos seguidos sem chuva. Estima-se que morreram aproximadamente meio milhão de pessoas, sendo o Ceará o estado mais atingido pelo desastre.

A cobertura nos jornais foi substancial para o alcance nacional. A produção do horror, do caos, da miséria e do flagelo na região, ficou marcado de modo pungente. O trecho abaixo, publicado no jornal *A Província de São Paulo*¹³ em 03 de jan. de 1878, é exemplo notável.

Horrores da fome – Um telegrama da Bahia, de 31 do passado, refere:

Recebemos horrorosas notícias do Ceará. Dizem os jornaes que as estradas estão juncadas de cadáveres putrefactos, que estão sendo devorados pelos cães e pelos urubus. Narram scenas dolorosas. Calcula-se em cerca de mil as pessoas que têm morrido de fome em diversos logares. Existem em Aracaty 41, 000 pessoas, e na capital 75, 000. Morrem cerca de 30 e 40 pessoas por dia. Sopra um nordeste abrasador. Reinam febres graves e o beriberi. Na Parahyba, e no Rio Grande do Norte a secca tambem está produzindo terriveis efeitos, porém não tanto como no Ceará.¹⁴

¹²“They drought windfalls convinced many that only with large inflections of outside money could the continue to develop the interior and conquer their old problems. After 1880 the drought area had a sense of region it had never possessed before. The drought bloc created during the crisis had been fragile and dependent upon outside her for success, but in teaching Northeasterners how to make in industry of the droughts it created a legacy which was to dominate the regional politics for the next century.” CUNNIFF, Roger, *The birth of the drought industry: imperial and provincial reponse to the great drought in northeast Brazil, 1877-1880*.

¹³ A província de São Paulo era o nome do jornal hodiernamente conhecido como O Estado de São Paulo. A alteração se deu após a independência do Brasil.

¹⁴ Trecho retirado do acervo digital O Estadão. Disponível em <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18780103-864-nac-2-999-2-not>>. Acesso em: 18 de nov. de 2019

Como constataam Joaquim Marçal Ferreira de Andrade e Rosângela Logatto (1994), as fotografias de Joaquim Antonio Corrêa¹⁵, enviadas por José do Patrocínio em 1878 à revista *O Besouro*, expondo a condição miserável da população atingida pela tragédia, são pioneiras no fotojornalismo.

Patrocínio fazia a cobertura do evento com publicações na primeira página do periódico carioca *Gazeta de Notícias*, sob o título de “Viagem ao Norte”. As imagens tinham como objetivo reforçar as denúncias feitas pelo autor sobre o quadro de calamidade que assolava o Nordeste, como demonstra o comentário publicado no periódico *O Besouro*.

O Ceará,

Nosso amigo José do Patrocínio, em viagem por aquella província, enviou-nos as duas photographias por quem foram feitos os desenhos da nossa primeira página.

São dois verdadeiros quadros de fome e miséria. E’ n’aquelle estado que os retirantes chegam á Capital, aonde quase sempre moreem, apesar dos apregoados socorros, que segundo informações exactas são distribuídos de uma maneira improfícua.

A nossa estampa da primeira página é uma resposta cabal áquelles que acusavam de exageração, a pintura que se fazia do estado da infeliz provincia.

Repare o governo e repare o povo, na nossa estampa, que é a cópia fiel da desgraça da população cearense.

Continuaremos a reproduzir o que o nosso distinto colega nos enviar a tal respeito. (O Besouro, p.122, 1878)

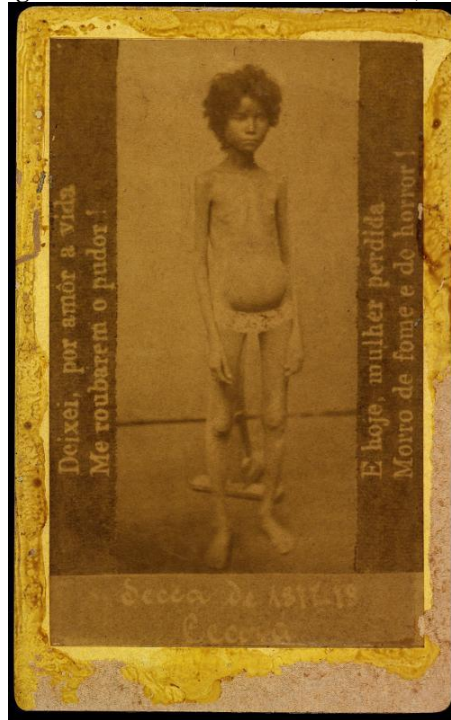
São 14 fotografias que compõe o acervo¹⁶. Apresentam crianças sozinhas ou ao lado dos pais, adultos e idosos. Corpos cadavéricos denunciavam as consequências de um problema que se tornaria mecanismo de expulsão, manipulação, violação de direitos e opressão.

As figuras 2 e 3 foram escolhidas para estampar a primeira página da revista. Na publicação original, abaixo das fotografias, havia a legenda “Estado da população retirante... e ainda há quem lhes mande farinha falsificada e especule com eles!!!”.

¹⁵ Na publicação original, não foi dado o crédito das fotografias ao fotógrafo Joaquim A. Corrêa, cujo ateliê ficava em Fortaleza. A autoria das ilustrações foi dada a Rafael Bordalo Pinheiro.

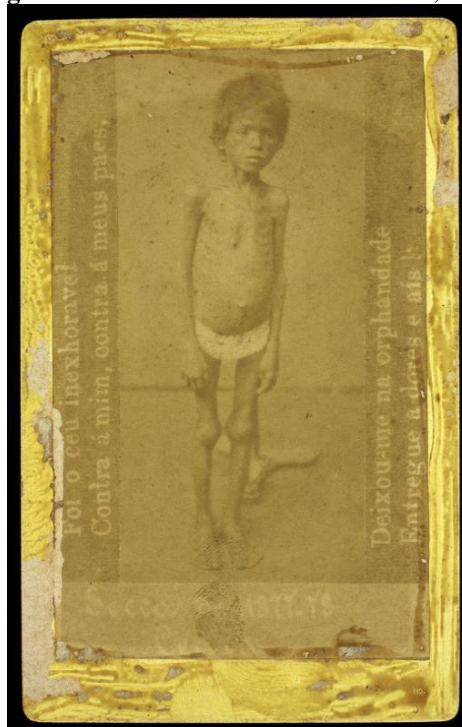
¹⁶ Todo o acervo está disponível na Brasileira Fotográfica. Disponível em <<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/browse?value=Corr%C3%AAa%2C+J.+A.&type=author>>. Acesso em 18 de nov de 2019.

Figura 1: Secca de 1877-78. CORRÊA, J. A.



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil)

Figura 2: Secca de 1877-1878. CORRÊA, J. A.



Fonte: Biblioteca Nacional (Brasil)

O discurso reproduzido, as imagens perpetuadas, o envolvimento do Estado, as elites em decadência, o alcance nacional, fez da grande seca o marco histórico para a identificação de uma região com o estigma de um povo ao leu, dispersos sobre o território nacional.

Depois da grande seca, diferente do contexto anterior, os ciclos de crise passaram a ser registrados de modo enfático, de tal modo que a seca enquanto questão social e as vítimas sem ter onde se acomodar, surgem como um dilema profundo para o Estado.

As secas de 1915 e 1932 são sintomáticas, manifestando-se em produções culturais, como a literatura regionalista. *O Quinze*, de Raquel de Queiroz; *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e José Américo de Almeida, em *A Bagaceira*, são expressivos nessa literatura. Esses autores trazem a figura do retirante como personagem central. A seca aparece como causa imediata para a expulsão do pobre nordestino de sua terra natal.

Neste cenário, essas obras passam a denunciar as relações dominantes no universo social do Nordeste, confirmando a existência do abandono, por elites locais e pelo Estado, em que os atingidos pelos dramas da seca subsistiam em condições alarmantes.

O personagem Chico Bento em *O Quinze*, vaqueiro de família tradicional, é obrigado a abandonar seu povoado e sua gente em busca de trabalho na capital cearense. Nem mesmo a relação de compadrio garante sua presença no interior. O trecho abaixo, retirado da obra de Raquel de Queiroz, apresenta questões expressivas na literatura acadêmica, como a relação de compadrio, a personalidade do vaqueiro, morador das terras de elites agrárias, a seca e a figura emblemática do retirante. Sua patroa, Dona Maroca das Aroeiras, deixa o recado:

Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de S. José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço na fazenda.
Sem mais, do compadre amigo ... (QUEIROZ, 1978, p.14)

Outro elemento importante que está presente em *O Quinze* são os campos de concentração ou currais do governo no século XX, em que se abrigavam retirantes com objetivo de evitar a chegada em massa dessas pessoas até as capitais.

Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração.
Às vezes uma voz atalhava:
– Dona, uma esmolinha ...
Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento.
Que custo, atravessar aquele atravancamento de gente imunda, de latas velhas, e trapos sujos! (QUEIROZ, 1978, p.14)

O governo central e os governos estaduais decidiram que o problema da dispersão das vítimas seria resolvido com a construção de campos¹⁷, em que os “acolhidos” prestariam serviços à comunidade.

¹⁷ Sobre os campos de concentração nas secas ver Fredereico de Castro Neves (1995) e Kênia Souza Rios (2004).

Os campos eram instalados em lugares estratégicos, perto de vias férreas, para evitar a partida dos retirantes, ou de obras públicas em curso, onde seriam integrados em atividades laborais.

Em *Vidas Secas*, é a família de Fabiano que se retira uma, duas vezes. Graciliano retrata os abusos sofridos pelo personagem principal na fazenda em que trabalha como vaqueiro. Quando a seca retorna, resta a escolha de ida ao Sul tentar novo caminho para sobreviver. Escondido, a passos rápidos e firmes, de modo a evitar conflito com seu patrão. A esmo.

Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpercatas, o cheiro de carniças que emprestavam o caminho. As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinhá Vitória, as palavras que Sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos (RAMOS, 2002, p.126).

Não foi só a literatura regionalista a grande colaboradora para a produção cultural sobre o problema da seca na região. As artes plásticas têm um papel preponderante neste sentido. A obra de Tarsila do Amaral *Segunda Classe* (1933), é representativa.

Fotografia 4: Segunda Classe (1933), Tarsila do Amaral



Fonte: Acervo Digital da Unesp¹⁸

Candido Portinari, em *Retirantes*, também representa – sob a visão tradicional consolidada após a grande seca – as mazelas que assolavam aquele povo. É consenso entre a crítica a importância do trabalho desse artista enquanto denuncia social.

¹⁸ Imagem do acervo digital da Unesp. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/381358>>. Acesso em: 13 de ago. De 2022

Fotografia 5: Retirantes (1944), de Candido Portinari



Fonte: Acervo digital do MASP¹⁹

No que diz respeito à produção cinematográfica, Os filmes *Vidas Secas* (1963), *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) e *Os Fuzis* (1964) são expressivos enquanto representação simbólico-cultural dos dramas que assolavam a região.

Na seara de denúncia social sobre as fatalidades da seca são produzidos uma gama de ensaios, trabalhos de fotojornalismo, periódicos, ilustrações, audiovisuais, literatura e militância de um regionalismo expressivo em defesa da região Nordeste.

Diante do desprestígio sobre a região, os intelectuais do litoral – em sua maioria ligados às elites locais – passam a desenhar um Nordeste capaz de se autoafirmar e ganhar espaço dentro de uma identidade nacional.

Gilberto Freyre é o autor mais expressivo na defesa desse regionalismo enquanto solução para a decadência nordestina: “há dois ou três anos que se esboça nesta velha metrópole regional que é o Recife um movimento de reabilitação de valores regionais e tradicionais desta parte do Brasil.” (FREYRE, 1996, p.1)

O *Manifesto Regionalista*, apresentado em 1926, no Primeiro Congresso Brasileiro do Regionalismo, em Recife, defendia os valores tradicionais daquele Nordeste em transformação. O grupo modernista-regionalista de Recife, evidenciava os conflitos implícitos na relação

¹⁹Imagem do acervo digital do Museu de Artes de São Paulo. Disponível em: <<https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes>>. Acesso em: 13 de ago. 2022.

tradição-modernidade. Seu livro *Nordeste: Aspectos da influência da cana sobre a vida e paisagem do Nordeste do Brasil*, é uma exaltação exacerbada do passado vitorioso nordestino – em que o Recife surge como a metrópole regional – de todas as qualidades e benfeitorias realizadas pela cultura da *plantation* na região.

Freyre colabora substancialmente para a invenção do imaginário sobre o Nordeste, sustentando seu discurso sob tradicionalismo, dualismo e uma visão sincrônica do espaço. Há um apego ao rural colonial que não se desprende do projeto freyreano.

Aparece marcadamente neste contexto o Nordeste dual: do litoral e do sertão; enquanto espaços distantes e deslocados. O interior das secas, do flagelo e da situação problema, carregará a marca distintiva do atraso local. Quando se trata de fluxos migratórios, a narrativa dominante é sobre este Nordeste, terra inóspita e inabitável.

A ampla produção cultural desenvolvida em torno da seca, tem como referencial o espaço e personagens atingidos pelo fenômeno – o sertão nordestino e o sertanejo. Além de denunciar os problemas sociais, as desigualdades econômicas e ações políticas por parte de elites agrárias e do poder público, esta produção colaborou para a formação dos discursos hegemônicos sobre a identidade das populações que migravam. Personagens tidos como típicos da região, como o retirante, o coronel, os cangaceiros e os vaqueiros são pessoas colhidas na catástrofe, tornadas personagens na imprensa, na literatura, na pintura, no cinema, na narrativa estética, com intenções diversas e em diferentes momentos.

Depois da queda dos campos de concentração, em que os resultados foram perniciosos e o termo passou a se relacionar com as atrocidades cometidas na Segunda Guerra Mundial, encontramos registros de políticas migratórias mais “racionais” para atender a massa dos retirantes que não deixaram de existir.

A marcha para o Oeste, sob o governo de Vargas, em que se visava a ocupação e desenvolvimento dos territórios do Centro-Oeste e do Norte, são expressivos. Aliado a este projeto de domínio territorial, temos ainda no período do Estado Novo, ações de incentivo para migração nordestina, conhecida como “A batalha da borracha”, em que arrebatou milhares de trabalhadores - “os soldados da borracha”²⁰ - para a produção de matéria-prima estratégica. Um projeto articulado entre o Brasil e Washington, com ampla campanha de guerra, que serviu primordialmente às necessidades do evento bélico.

²⁰ Sobre o assunto ver Alcino Teixeira Mello (1956), Lucia Arrais Morales (2002), Francisco Eleud Gomes da Silva (2015) e o documentário *Soldados da Borracha*, produzido em 2009 pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kf4I79Ye-HM>>. Acesso em: 24 fev. 2020.

Os incentivos para a migração começaram já em 1940, anteriores, portanto, aos Acordos de Washington, na forma de distribuição de passagens gratuitas para quem se dispusesse a migrar para a Amazônia. Ao mesmo tempo, resolvia-se em parte, e de forma bastante tradicional, o problema da seca que novamente grassava pelo sertão do Nordeste. Por outro lado, supria-se de mão-de-obra barata um setor da economia que estava em crise. (GUILLEN, 1997, p.96)

Importa tomar nota de que neste contexto já agudizavam no país os conflitos por terras. O cenário político da guerra fria, posterior à Segunda Guerra Mundial e a estrutura agrária, centrada em latifúndios, faz com que, a partir da década de 50, a disputa por terras na região Nordeste ganhe expressão. No momento em que trabalhadores rurais passam a pressionar os grandes latifúndios, com o ressurgimento das ligas camponesas, emerge outro cenário de ações que, aproveitando a situação das populações nordestinas, estimulam agudamente a migração. Neste cenário de convulsão social, aparece o cangaço enquanto movimento subversivo e revolucionário, substancializados pelas produções culturais e apropriado por grupos de esquerda.

É no final da década de 50 que surge a SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, enquanto projeto desenvolvimentista com o objetivo de criar soluções efetivas para os problemas que arrastavam como insolúveis na região.

Com o desenvolvimento das lutas sociais no campo, a questão começou a tomar seus contornos mais característicos, colocando em jogo o pacto político vigente. Nesse contexto, intensificaram-se os debates sobre a questão ao nível das classes dominantes, num esforço de responder não mais em termos retóricos, mas sim concretamente, à incipiente estruturação de novas respostas que poderiam romper radicalmente com as relações de poder dominantes. A primeira resposta a esse fato foi a criação da SUDENE. No final do governo Kubitscheck, a questão agrária era transformada na Questão Nordeste. Buscava-se, assim, matizá-la regionalmente, criar condições para resolvê-la tecnicamente e, poderíamos acrescentar, demograficamente. O problema, que era de confronto de classes, aparecia como um desequilíbrio regional. (MEDEIROS, 1982, p. 109).

A SUDENE, segundo Carlos Vainer, além de configurar um programa preocupado com questões econômicas, atendia a anseios políticos, de controle social, amparados em políticas migratórias. Exemplo disso são as frentes de empregos nas obras públicas, criadas pelo órgão.

Outro evento que merece destaque, também na década de 50, é a construção de uma nova capital para o país. O empreendimento nacional terá a presença expressiva do nordestino na construção civil, os candangos em Brasília.

Temos, portanto, um cenário de diversos momentos históricos em que ações políticas, projetos de desenvolvimento nacional e a situação desfavorável da população vulnerável na

região nordeste se unem, resultando em fluxos migratórios em massa. E, neste universo, o problema da seca ressurge recorrentemente.

Hall escreve que “a pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidade, (...) podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.” (HALL, 2003, p.28).

Nesse sentido, temos um universo social marcado pela desterritorialização, pela saudade, pela violência, mas também, pela circulação de ideias e valores, pela ressignificação dessa desterritorialização, desses deslocamentos por parte dos agentes envolvidos. É preciso continuar vivendo, o que significa dizer que é preciso se “refazer” no cotidiano.

No caso dos nordestinos, substituímos os navios (GILROY, p.38, 2012) pelos paus de araras: tradicionais e os modernos²¹; como a metáfora desses ser-estar no mundo, não transnacional, mas talvez *transregional*.

Considerações finais

Procuramos apresentar nesse trabalho o processo histórico de deslocamentos massivos de certos grupos nordestinos pelo território nacional. Nesse cenário, apresentamos a seca como a situação-problema e que impulsionou as idas-e-vindas das pessoas vitimadas pelo fenômeno. Situação-problema que não se resume a um fenômeno natural, de outro modo, vai adquirindo contornos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Com isso, a seca, esse macroproblema, torna-se um marcador sobre a vida de determinados grupos de nordestinos. Determinados grupos porque os deslocamentos de pessoas oriundas no Nordeste para outros territórios não têm exclusivamente essa causa. Contudo, são os seus personagens, nordestinos economicamente pobres – os retirantes – que sofreram as consequências dos cíclicos movimentos de idas-e-vindas. Temos, portanto, um cenário de diversos momentos históricos em que a situação fática de vulnerabilidade e as omissões políticas resultaram em deslocamentos massivos.

Nesse contexto, a construção do que é o Nordeste ou ser nordestino está consideravelmente atrelada a figura do retirante de forma substancialista.

A concepção no imaginário nacional de que para cima é tudo igual ou é tudo o Norte, é mais um sintoma de homogeneização desses indivíduos e que são enquadrados em categorias fechadas, orgânicas, como se fosse uma tentativa de excluir qualquer condição de singularidade humana. Qualidades selecionadas, ancoradas em possíveis traços originários dos grupos, são

²¹ Os ônibus que levam os grupos de nordestinos que se deslocam são conhecidos como pau de arara moderno. Muitos desses ônibus são de empresas clandestinas.

essencializadas não considerando nenhum processo de dinamicidade e transformação, como se fossem elementos de uma cultura orgânica.

Concebermos o fenômeno sob o conceito de diáspora moderna, proporcionou-nos recursos para objetivarmos e refletirmos sobre problemas como a subjugação, o abandono social, a saudade, a desterritorialização, a construção de identidade e diferença, bem como questões de subjetividade.

No que diz respeito à questão da identidade e subjetividade, compreendemos que não é adequado compreender a formação de identidades como unidades orgânicas, o que acontece se se insiste no retorno a uma suposta “origem” cultural desses grupos diversos. Importa deprendermos os processos de ressignificação do universo cultural de seus agentes. De como se reconhecem enquanto nordestinos em contextos de disputa e de diferenças.

Por fim, importa registrar que as ideias manifestadas nesse trabalho não tiveram a pretensão de esgotar o assunto. Trata-se de reflexões bastante incipientes e que, portanto, merecem revisões.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústia: A seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)**. 1988. 416 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História do Brasil, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988

ALEGRE, Sylvia Porto. **"Fome de braços" - Questão nacional: Notas sobre o trabalho livre no Nordeste no século XIX**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 17, n. 2, p.105-142, 1986

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ufmg, 1998

CEVASCO, Maria. Elisa. **Dez lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DA CUNHA, Manoela Carneiro. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. ed. 5. Petrópolis: Vozes, 2000.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2004

- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000
- FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. **Um Nordeste em São Paulo**: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66). São Paulo: FGV, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967
- FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47- 75
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. São Paulo: Editora 34, 2012
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ufmg, 2003.
- KUPER, Adam. **Cultura**: a visão dos antropólogos. Bauru. EDUSC, 2002
- LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- MELLO, Alcino Teixeira. **Nordestinos na Amazônia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Imigração e Colonização, 1956.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. **Da Paraíba para São Paulo e de São Paulo prá Paraíba**: migração, família e reprodução da força-de-trabalho. 1985. Dissertação—Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1985.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes**: Um estudo de famílias de camponeses migrantes. João Pessoa: Relume Dumará, 2002
- MORALES, Lúcia Arrais. **Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha**. São Paulo: Annablume, 2002.
- NOGUEIRA. Verena Sevá. **Sair pelo mundo**: A conformação de uma territorialidade camponesa. 2010. 283 f. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2010
- QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2002
- RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e poder**: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

SAHLINS, Marshall. O **“pessimismo sentimental”** e a experiência etnográfica: porque acultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 41-73, abril, 1997. Disponível em: Acesso em: 26 jul. 2016.

SAHLINS, Marshall. O **"pessimismo sentimental"** e a experiência etnográfica: porque acultura não é um "objeto" em via de extinção (parte II). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.103-150, out.1997. Disponível em: Acesso em: 26 jul. 2016

SAID, Edward Wadie. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 1990